

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE ARTE
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

NAIAH DIAS REIS

FESTIVAL CURANDERIA

Feminismo multicultural aliado ao resgate ancestral

NITERÓI

2023

NAIAH DIAS REIS

FESTIVAL CURANDERIA

Feminismo multicultural aliado ao resgate ancestral

Trabalho apresentado como conclusão do curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Produção Cultural.

Orientador:

Prof: Wallace de Deus Barbosa

NITERÓI

2023

NAIAH DIAS REIS

FESTIVAL CURANDERIA

Feminismo multicultural aliado ao resgate ancestral

Trabalho apresentado como conclusão do curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Produção Cultural.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Wallace De Deus Barbosa - Orientador
Universidade Federal Fluminense

Profª Dra. Cristiane Cardoso Campos
Universidade Federal Fluminense

Profª Dra. Maria Tereza Mattos De Moraes
Universidade Federal Fluminense

NITERÓI

2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R375f Reis, NAIHA DÍAS
FESTIVAL CURANDERIA : FEMINISMO MULTICULTURAL ALIADO AO
RESGATE ANCESTRAL / NAIHA DÍAS Reis. - 2023.
44 f. : il.

Orientador: WALLACE DE DEUS BARBOSA.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2023.

1. FESTIVAL MULTICULTURAL. 2. FEMINISMO. 3. MATRIARCADO. 4.
RESGATE ANCESTRAL. 5. Produção intelectual. I. BARBOSA,
WALLACE DE DEUS, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.
Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao **décimo nono dia do mês de dezembro do ano de 2023**, às **dezesesseis horas**, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **Festival Curanderia - Feminismo multicultural aliado ao resgate ancestral**, apresentado por **NAIAH DIAS REIS**, matrícula **23033003**, sob orientação do(a) **Dr. Wallace de Deus Barbosa**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dr. Wallace de Deus Barbosa**
2º Membro: **Dra. Maria Teresa Mattos de Moraes**
3º Membro: **Dra. Cristiane Cardoso Campos**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

X Aprovada

Reprovado

Com nota final após arguição: 9.0

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer minhas ancestrais nas figuras de minha mãe, tias e avós. Essas que vieram antes de mim e resistiram às violências, lutaram pela vida e tornaram possível minha existência, me incentivando e apoiando em todas as minhas empreitadas. E então, saúdo e agradeço meus ancestrais nas figuras de meu pai, tios e avôs, pois sem eles também nada disso seria possível.

Agradeço ainda aos meus guias, mentores e mentoras, encarnadas e desencarnadas, que me encaminharam para onde eu deveria ir me mostrando o que eu precisava ver para que eu fizesse o que precisava ser feito.

Agradeço, em especial, ao professor e coordenador do curso Luiz Augusto, que viabilizou meu reingresso, e ao meu orientador Wallace de Deus, que atuou possibilitando a conclusão desse ciclo, que parecia interminável, mesmo diante da insegurança das inovações propostas por mim. Agradeço também às professoras Tetê e Cris, que, mesmo sem me conhecer, estiveram dispostas e disponíveis para me auxiliar e me incentivar na conclusão desse ciclo.

Agradeço a mim, por ter resistido com fé a todas as violências estruturais e institucionais e ter insistido numa caminhada que me pertence, compreendendo a importância da minha voz e representatividade no mundo acadêmico.

ORAÇÃO À GRANDE MÃE

Mãe Nossa que estais no céu, na terra e em toda a parte
Bendita seja a Tua beleza e a Tua abundância
Traz aos nossos corações a chave que abre o portal do amor
Que cada uma de nós possa respeitar os caminhos de todos os seres
E o exercício do perdão faça parte de nossa existência
Que possamos acolher em nossa mesa aquelas que querem partilhar
conosco o alimento sagrado.

Mãe Nossa que estais no céu, na terra e em toda a parte
Que o Propósito maior guie os nossos passos
E que a batida dos nossos corações possa se unir ao toque do coração da
terra
E assim possamos pulsar em um só ritmo.
Que as estrelas nos guiem nas noites escuras,
E que o sol brilhe intensamente em nossos corpos.

Heya Grande Espírito,
Heya Grande Mãe,
Hey Xamã.

Xamã Alba Maria

RESUMO

O presente trabalho descreve o memorial do processo de criação, concepção, elaboração e planejamento da primeira edição do Festival Curanderia - Feminismo Multicultural Aliado ao Resgate Ancestral. O projeto sociocultural tem como intuito criar espaços de discussão e protagonismo feminino nos diversos campos do saber, buscando na representatividade a mola propulsora para que outras mulheres se vejam capazes de ocupar lugares de destaque. Através da arte, da cultura e do resgate de práticas ancestrais, o projeto visa fortalecer ideais de transformação e fomentar um fazer que contemple formas de se relacionar alinhadas ao respeito, à união e à equidade de gênero, movimentando a economia criativa do território onde acontece.

Palavras-chave: Festival Multicultural; Feminismo; Matriarcado; Projeto Cultural; Resgate Ancestral; Economia Criativa.

ABSTRACT

This work describes the process of creation, conception, elaboration and planning of the first edition of the Curanderia Festival - Multicultural Feminism Allied to Ancestral Rescue. The sociocultural project aims to create spaces for discussion and female protagonism in different fields of knowledge, seeking representation as the driving force for other women to see themselves capable of occupying prominent positions. Through art, culture and the recovery of ancestral practices, the project aims to strengthen ideals of transformation and encourage activities that include ways of relating aligned with respect, unity and gender equality, boosting the creative economy of the territory where it takes place.

Keywords: Multicultural Festival; Feminism; Matriarchy; Cultural Project; Ancestral Rescue; Creative Economy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. AS ORIGENS DA OPRESSÃO CONTRA A MULHER	14
3. O PAPEL DA MULHER NAS LUTAS POLÍTICAS E SOCIAIS.....	18
4. A MULHER NO SETOR CULTURAL.....	21
5. QUAL O CAMINHO PARA A RECONSTRUÇÃO DE NÓS MESMAS?.....	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
8. PROJETO.....	30
9. PLANO DE COMUNICAÇÃO E MÍDIA.....	39
10. TABELA DE CONTRAPARTIDA PARA OS COLABORADORES.....	42
11. ESTRATÉGIA DE CAPTAÇÃO E COTAS DE PATROCÍNIO.....	43
12. DISTRIBUIÇÃO / COMERCIALIZAÇÃO DO PRODUTO CULTURAL	43
13. PLANILHA ORÇAMENTÁRIA.....	44

1. INTRODUÇÃO

O presente memorial tem a finalidade de registrar o processo de elaboração e planejamento do projeto de conclusão de curso intitulado “Festival Curanderia - Feminismo Multicultural Aliado ao Resgate Ancestral”. A programação do evento será composta por mulheres de múltiplos saberes que vão conduzir rodas de conversa, oficinas e apresentações culturais sob a temática do resgate ancestral como ferramenta de subversão à cultura patriarcal.

Para compreender as motivações que me levaram a regressar para a universidade após a matrícula cancelada e optar por escrever um projeto sobre protagonismo feminino e ancestralidade, preciso discorrer um pouco sobre minha trajetória e experiências vividas nos últimos 4 anos.

Após o término de um relacionamento, decidi viajar no estilo mochileira, sozinha, trocando trabalho por estadia. A princípio, desejei estar perto do mar. Mas não demorou muito tempo pra que eu fosse levada até a caatinga, no sertão nordestino, onde descobri um universo até então muito distante, ou nem tanto, de mim. Era junho de 2022 e o próximo destino era Exu, no estado de Pernambuco. Ali aconteceria o VI Encontro de Saberes da Caatinga, que reúne benzedeir@s, rezadeir@s, parteir@s, raizeir@s e muita cultura popular regional. Diante de tamanha emoção, decidi ficar mais um tempo e conhecer o Cariri Cearense. Fiquei extasiada com tudo que vi e me indaguei o motivo pelo qual, mesmo estudante de Produção Cultural, não tinha conhecimento das inúmeras expressões culturais existentes ali. Fiquei tempo suficiente para ver a exploração e o descaso do poder público para com a figura de Mestras e Mestres, grupos e coletivos, e foi aí que decidi regressar a universidade. Diante desse cenário e, sendo uma mulher que viaja sozinha, vi, ouvi e vivi muitas violências características da estrutura patriarcal que vivemos. Então compreendi a necessidade de integrar o feminismo ao meu trabalho enquanto profissional, que milita pela preservação das tradições e expressões da cultura popular, setor que segue reproduzindo tais violências e desigualdades de gênero. E assim nasceu o Festival Curanderia. Acredito que o futuro é ancestral e os avanços que precisamos para prosseguir estão no resgate de

saberes das sociedades matrísticas, exercendo assim “Sankofa”, o conceito africano que nos convida a olhar os erros do passado para não cometê-los novamente. Somente revendo e conhecendo a história da construção da humanidade é que vamos conseguir efetivar as mudanças que desejamos.

Dessa forma, esse memorial contempla tais reflexões históricas acerca das origens da opressão contra a mulher e do resgate ancestral como sendo uma estratégia de sobrevivência e reconstrução social para todos. Contempla também o projeto, junto à programação e demais tópicos necessários para a estruturação e realização do mesmo.

“Houve um tempo em que não eras uma escrava, lembra-te disso. Caminhavas sozinha, alegre, e banhavas-te com o ventre nu. Dizes que perdeste toda e qualquer lembrança disso, recorda-te ... Dizes que não há palavras para descrevê-lo, dizes que isso não existe. Mas lembra-te. Faze um esforço e recorda-te. Ou, se não o conseguires, inventa.” (Wittig*, 1969 *apud* KOLTUV, BARBARA BLACK, 2017, p.173)

* Wittig, Monique, *Les Guerilleres*, Nova York, Bard Books, 1969, p.89.

2. AS ORIGENS DA OPRESSÃO CONTRA A MULHER

No princípio era o verbo e assim se fez uma história de violências, opressões, e má interpretações. Na criação do mundo segundo o livro de Gênesis, a mulher (Eva) foi criada de uma parte acessória do homem (Adão), e sendo assim, é considerada defeituosa, inferior. Tempos depois da estruturação dos livros da bíblia, durante a idade média, aconteceu o movimento de caça às bruxas, conhecido como a Inquisição. Um verdadeiro genocídio de pessoas - onde 90% eram mulheres - autorizado através do livro "O Martelo das Feiticeiras", criado por dois monjes. As acusações tinham base nessa crença de que a mulher era defeituosa e sendo assim, mais suscetível aos pactos com o demônio, considerando tudo que elas faziam, bruxaria, feitiço, coisa do demônio. Sendo assim, tudo que pertencia ao universo feminino, como o parto, os saberes da terra, a manipulação das ervas e as práticas de cura, eram consideradas bruxaria, já que o exercício da medicina era restrito aos homens. E assim, todas as coisas foram feitas em nome de Deus. Em nome de Deus nasce a misoginia, o ódio à mulher, e a estruturação do patriarcado, que segue regendo nossas relações e a dinâmica social até os dias de hoje.

Eu demorei muito tempo pra entender a violência contra a mulher. Não que eu não tivesse sido violentada, fui, e muito, mas não reconhecia a violência, não sabia identificar porque sempre foi algo naturalizado. O que não quer dizer que eu não sentia. Sentia (e ainda sinto), e muito. Só que, quando expressava, era duplamente violentada. Reprimida. Silenciada. E assim, engoli e somatizei emoções que ficaram presas, estagnadas, contaminando meu corpo e minhas relações. Mas isso não é um caso exclusivamente meu. É estrutural, cultural, institucionalizado. Tão validado que ganhou até nome, conceito, e existem movimentos políticos e organizações imensas para romper com práticas que compactuam com a misoginia, o machismo e o conseqüente feminicídio. Porque ele não acontece do nada. A violência física e os casos de morte são resultados de um histórico de violências simbólicas que agem no campo psicossocial e energético. E a notícia mais verdadeiramente trágica é que todos nós compactuamos para que siga sendo assim, pois naturalizamos, e dessa forma, não compreendemos a necessidade de romper com comportamentos enraizados nessa cultura que subjuga e violenta o corpo da mulher de inúmeras formas. Para tornar essa reflexão mais rica de sentido,

trouxe algumas referências de intelectuais feministas que estudam e analisam dados históricos para seguir na incessante, árdua e vital missão de emancipar e libertar nossos corpos.

Gerda Lerner¹, através do livro “A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens”, nos mostra que foi a partir da opressão sexual que a sociedade de classe começou a ser desenvolvida, onde o corpo da mulher passa a ser dominado e aprisionado pelo homem. Mas, nem sempre foi assim. Nas civilizações pré-históricas, as comunidades eram lideradas por mulheres e não havia dominação de um sobre o outro, as relações eram pautadas no respeito e cooperação. Segundo Heide Göttner-Abendrothas (2009) [apud Martins (2017)], uma das maiores pesquisadoras do matriarcado,

"As mulheres detinham a hegemonia política; eram elas que mediavam e solucionavam os conflitos e organizavam as sociedades. Eram responsáveis pelo bem comum do clã na vida e na morte. Por que também na morte? Porque nessa cultura, a morte não é sentida como negação da vida mas como um evento pertencente à vida. A morte não é um fim, mas uma viagem na qual o falecido se transforma e volta ao clã pelo renascimento que acontece através das mulheres. Elas garantem a continuidade da vida e quando esta morre, pelo retorno à vida, concebendo e dando à luz vidas que haviam morrido".

Essas eram as chamadas sociedades matriarcais, ou matrísticas. Segundo Engels (1934, p. 60):

“Os papéis sexuais e sociais de homens e de mulheres não eram definidos de forma rígida e as relações sexuais não eram monogâmicas, tendo sido encontradas tribos nas quais as relações entre homens e mulheres eram bastante igualitárias. Todos os membros envolviam-se com a coleta de frutas e de raízes, alimentos dos quais sobreviviam, bem como a todos cabia o cuidado das crianças do grupo. Muito tempo depois, com a descoberta da agricultura, da caça e do fogo, as comunidades passaram a se fixar em um território. Aos homens (predominantemente) cabia a caça, e as mulheres (também de forma geral, embora não exclusiva), cabia o cultivo da terra e o cuidado das crianças. Uma vez conhecida a participação do homem na reprodução e, mais tarde, estabelecida a propriedade privada, as relações passaram a ser predominantemente monogâmicas, a fim de garantir herança aos filhos legítimos. O corpo e a sexualidade das mulheres passaram a ser controlados, instituindo-se então a família monogâmica, a divisão sexual e social do trabalho entre homens e mulheres. Instaura-se, assim, o patriarcado, uma nova ordem social centrada na descendência patrilínea e no controle dos homens sobre as mulheres”. (ENGELS, 1934. p. 60 *apud* MARTINS, 2017. p 37).

Nesse momento o estupro era usado como arma de guerra, e a mulher, como ferramenta de aumento populacional e mão de obra, através da procriação. A domesticação e o controle do nosso potencial sexual e reprodutivo nos deixou

alienadas do processo de escravidão ao qual fomos (e continuamos) submetidas, construindo então, gradativamente, a concepção de que nós somos naturalmente aptas para a criação e para tarefas domésticas. Dessa forma, aos poucos fomos internalizando os espaços que devemos ocupar na sociedade.

Silvia Federici², em seu livro “O Calibã e a Bruxa - mulheres, corpo e acumulação primitiva” sugere, a partir de uma análise histórica, que a violência contra a mulher nasce a partir da formação do capitalismo, construída sobre diferenças sexuais com o intuito de estabelecer novas funções sociais. Segundo a autora, o trabalho doméstico não remunerado é o pilar principal da produção capitalista, pois produz mão de obra e força de trabalho, sendo a dominação masculina baseada no poder que o salário os confere. Silvia mostra como o surgimento do capitalismo coincide com o movimento de caça às bruxas, que foi usado como instrumento de colonização sendo um dos ataques mais violentos contra o corpo da mulher. Identificar mulheres como bruxas foi uma estratégia para promover mais um tipo de controle sobre as práticas que vigoravam nas sociedades matrísticas, onde as mulheres podiam exercer tanto sua função econômica quanto mística, para impor um modelo econômico que as obrigou a ocupar um estado de dependência e serviência para com os homens.

Nessa lógica de relação estruturada na dinâmica senhor x escravo, - onde a alienação da mulher acerca de seu próprio corpo e de seu potencial sexual e reprodutivo segue sendo fruto de tamanha violência - o poder da mulher está sempre e diretamente associado ao poder do homem o qual ela se relaciona, acreditando ainda que, se ela conceber um filho fruto do estupro, desenvolve uma relação afetiva com o estuprador.

A partir dessas análises históricas percebemos que nossa identidade social passa a ser construída a partir das expectativas que a sociedade tem em relação ao nosso sexo, incluindo questões estéticas, performance, tom de voz, temperamento, submissão, etc. Criaram, a partir da dominação completa de nossos corpos, ideais de comportamento que nos mantêm reféns dessa estrutura, sufocando nossas especificidades, impondo uma performance que nos mata diariamente. Dentro do sistema patriarcal, não existem mulheres privilegiadas porque o controle do potencial sexual e reprodutivo é comum a todas, no entanto, por vivermos numa

sociedade desigual, são sentidas de formas diferentes por grupos diferentes de mulheres, sendo as diferenças de classes que possibilitam que umas furem o sistema e respondam judicialmente, e outras simplesmente não tenham escolhas.

É facilmente possível de concluirmos que a história da sociedade dita “civilizada” é marcada pelo ódio às mulheres, institucionalizando a misoginia de tal forma, que faz com que as relações de dominância passem a ser naturalizadas, e que é a partir da manipulação das identidades que existe um controle social, político e econômico, o que explica nossa ansiedade ao nos confrontar com a opinião masculina, visto que fomos submetidas a tantas violências, não conseguindo assim, estabelecer uma consciência de nós mesmas que nos permite confiar em nosso potencial de criar e prosperar. Essa dinâmica segue se perpetuando e faz com que muitas mulheres acreditem que não são capazes de conquistar sua liberdade financeira, sexual, emocional, acreditando que precisam de um marido que supra suas necessidades e ainda, que para ser amada, precisa procriar. Faz-se então necessária a tomada de consciência do que é a sociedade de classe, o patriarcado, o capitalismo e a misoginia, para que a partir dessa compreensão, haja organização política para conquista dos direitos que nos foram roubados.

¹ Historiadora e professora emérita História na Universidade de Wisconsin, Madison (EUA), além de acadêmica visitante da Universidade Duke, na Carolina do Norte (EUA). Foi uma das fundadoras do campo de História Afro-Americana e também presidente da Organização dos Historiadores Americanos. Lerner representou um papel fundamental no desenvolvimento do currículo de História da Mulher. Suas pesquisas giraram em torno do que se considera o primeiro curso de História da Mulher, ministrado pela New School for Social Research em 1963. Esteve envolvida desenvolvimento de programas similares na Universidade de Long Island (1965-1967) e no Sarah Lawrence College (1968-1979), onde estabeleceu o primeiro programa de graduação em História da Mulher, na Universidade de Columbia (na qual foi cofundadora do Seminar on Women).

² Intelectual militante de tradição deminista marxista autônoma. Cofundadora do International Feminist Collective, participou da Wages for Housework Campaign e contribuiu com o Midnight Notes Collective. Foi professora na Universidade de Port Harcourt na Nigéria. É professora emérita da Universidade de Hofstra em Nova York.

3. O PAPEL DA MULHER NAS LUTAS POLÍTICAS E SOCIAIS

A presença das mulheres nas lutas políticas e sociais nem sempre esteve associada ao feminismo, mas parece que só é validada através dele, dado tamanha invisibilidade a figuras de mulheres que estiveram à frente de reivindicações político-sociais, em campos diversos. Para citar algumas, temos Maria Bonita como a primeira mulher a ter entrado para o cangaço numa tentativa de se libertar do primeiro marido e se aventurar pelos sertões, o que só era possível se se casasse com um cangaceiro. Olga Benário, militante comunista que organizou movimentos de resistência contra o genocídio nazista, mesmo de dentro da prisão. Nise da Silveira, psiquiatra brasileira pioneira no tratamento de transtornos mentais através da arte e da militância pela humanização dos pacientes. Margarida Alves, trabalhadora rural e sindicalista brasileira que, assim como outras, se engajaram nas lutas por direitos humanos de forma individual, sendo suas pautas reconhecidas e acrescidas em organizações coletivas, tempos depois. A partir da constatação de que, uma mulher sozinha reivindicando algo, mesmo que não a beneficie diretamente, é invisibilizada, conseguimos compreender a importância da criação de um movimento que fortaleça e amplifique nossas vozes, bem como para que possamos compreender que nossa luta é coletiva, pois a cultura patriarcal atravessa todas e todos nós.

Podemos pensar no feminismo como um movimento que ousa reconhecer a mulher enquanto gente, tendo as mulheres como protagonistas mas sendo uma luta de todos, pois não é um tipo de machismo às avessas. O feminismo não pressupõe o domínio da mulher sob os homens, mas reivindica o fim das violências através da emancipação e libertação de seus corpos e de seus direitos garantidos. O feminismo não estimula uma feminilidade tóxica como propõe o patriarcado ao criar funções baseadas na divisão de gênero - que, por sua vez, é a construção social do sexo e das performances do feminino e do masculino, culturalmente impostas e alheias as vontades e reais necessidades de cada pessoa. A noção de gênero construída em nossa sociedade corrobora para as violências que as mulheres sofrem, pois são baseadas nas diferenças biológicas, transformando-as em desigualdades sociais à medida que estabelece estereótipos reforçados nos processos e espaços de aprendizado.

É preciso dar nome às coisas para que possamos mudá-las. Sendo assim, o feminismo enquanto organização política, surgiu na década de 60, nos Estados Unidos e em seguida foi tomando conta dos demais países, trazendo como pauta principal a liberdade e emancipação da mulher. A chamada primeira onda do feminismo teve início no final do século XIX com o movimento Sufragista, liderado por Bertha Lutz, com caráter conservador, onde a opressão ainda não era questionada.

Como visto anteriormente, as mulheres sempre fizeram parte e tiveram seu papel dentro das lutas sociais, ainda que identificadas com a submissão imposta, seu caráter revolucionário as manteve ativas, rompendo, mesmo que de forma inconsciente, com o conformismo e aceitação de que seu lugar e suas funções se resumiam ao âmbito privado e doméstico.

A segunda onda foi erguida por intelectuais, líderes operárias e anarquistas que defendiam o direito à educação, à sexualidade, e ao divórcio. Já a terceira onda se deu pela força das anarquistas e do Partido Comunista.

Em 1949, Simone de Beauvoir. Em 1963, Betty Friedan. Em 1986, Gerda Lerner. Essas foram algumas mulheres que contribuíram de forma consistente através de suas pesquisas e análises de dados históricos, para a sustentação do movimento que denuncia a opressão e a violência contra a mulher e reivindica direitos, rompendo com o tradicionalismo conservador e alavancando outras lideranças e outros movimentos.

Dessa forma, o movimento feminista foi ganhando espaço e Encontros, Congressos, Associações, começaram a emergir para contemplar a necessidade de se discutir a situação da mulher na sociedade. Diante da mudança dos cenários políticos e das fortes repressões ditatoriais, o movimento feminista foi se aliando a outros movimentos sociais, como a luta contra o racismo, o que é natural e necessário, visto que um está diretamente ligado ao outro e a raiz de toda desigualdade está na estrutura patriarcal, que é racista, sexista, classista e que impõe um pensamento linear e fragmentado em relação a vida.

A presença política das mulheres no período da ditadura militar foi de tamanha importância e relevância social que culminou na consolidação de direitos

institucionalizados na Constituição de 1988. Sem toda essa trajetória, ainda que sob muita violência e desrespeito, seria impensável Dilma Rousseff ter ocupado a liderança de um Estado tão opressor. Então, pensando nisso tudo, fica evidente que a luta e as conquistas são muito recentes e que é preciso tomar consciência do processo, honrando cada parte que nele existe.

Independente da vertente do movimento, a luta das mulheres é de extrema relevância e importância pois reflete a complexidade da dinâmica social e revela onde estão estruturadas as bases de nossas relações. A representatividade que buscamos é de compor o corpo político que decide os rumos da sociedade, e mesmo que tenhamos entrado nesses espaços de poder, as violências misóginas institucionalizadas continuam nos empurrando para posições subalternas. Isso porque quando uma mulher ocupa espaços majoritariamente masculinizados, a relação dialética senhor x escravo ainda se faz presente e a dinâmica só funciona porque o senhor garante que a escrava não é consciente de si e convence-a de que ela merece ocupar um lugar subalterno. Dessa forma, nos vemos a partir do olhar do homem, o que se traduz em violência psicológica. Tal violência é perpetuada, mas sua naturalização dificulta tal compreensão. É por isso que, difundir as causas do feminismo de forma didática se faz urgente.

É complexo, e é por isso que cada vez mais precisamos ocupar esses espaços e dialogar sobre as violências institucionalizadas, naturalizadas, enraizadas, que se perpetuam, nos mantendo em subalternação, em escravidão, em relações onde a violência se manifesta de formas tão simbólicas que ainda são veladas por crenças a respeito do papel que deveríamos ocupar e performar.

Citando o título de um dos livros da autora, professora, teórica feminista, estadunidense Bell Hooks, gostaria de frisar que "O feminismo é para todo mundo", e segundo a autora, a adesão ao movimento é a união de uma escolha e de ações, envolvendo teoria e prática de forma coerente. O feminismo questiona as representatividades engessadas numa divisão sexual do trabalho, baseados em ideologias de gênero e ousa romper com uma estrutura genocida. Todas as lutas se complementam e tem um objetivo comum, mesmo que inconsciente, que é a derrubada do patriarcado, fruto do capitalismo, sistema que sustenta violência, desigualdade e opressão.

4. A MULHER NO SETOR CULTURAL

Durante minhas viagens, pude observar que em todo lugar onde eu chegava o cenário era o mesmo: todos os espaços, inclusive e principalmente os culturais, ocupados, em sua maioria, por homens, e a maior parte deles, brancos. Quando eu estava em Itacaré, litoral sul da Bahia, cidade bastante turística e movimentada praticamente o ano todo, em todos os bares, restaurantes, espaços onde estava rolando música ao vivo, em apenas um a voz era feminina, e ainda assim, no meio de muitos homens.

No Cariri Cearense a presença das mulheres nos palcos é maior, assim como a violência. Certa vez subi ao palco para tocar junto a uma banda composta só por homens e o vocalista me perguntou se eu cantava também. Eu disse que sim. Em seguida ele sorriu de forma debochada e disse: “ah legal, se cantar mal eu mando desligar o microfone”.

A violência e o assédio sempre me inibiram, me deixaram desconfortável a ponto de reprimir minha potência artística pelo fato dela exigir tamanha vulnerabilidade. Fui bastante violentada, bulinada, assediada no setor cultural, e não fosse a força de minhas ancestrais e o feminismo, talvez eu nem estivesse aqui pra contar essas histórias, nem escrever esse tcc. E com ele eu aprendi e lembro todos os dias que eu posso e devo ocupar esses espaços, e que toda vez que uma mulher pega num microfone, conquista um diploma, assume um cargo de liderança, “puxa” muitas outras com ela. Compreendi que minha existência é um ato político e que diante de tantos desafios, é indispensável o autocuidado.

Para além da minha experiência pessoal, temos estudos que comprovam que mesmo dentro do setor que é aparentemente mais progressista e flexível para mudanças, que questiona os padrões e a moral social propondo transformações sociais através da arte, as mulheres encontram os mesmos obstáculos e ainda barreiras específicas que exigem reflexões aprofundadas a respeito da reprodução dessa lógica de dominação e poder masculinas.

Em 2013 o Ministério da Cultura criou um Observatório para a Igualdade de Gênero em Cultura e Comunicação, que aborda o acesso das mulheres aos cargos de decisão, disparidades salariais nas variadas áreas culturais, onde os resultados

dos estudos confirmam as desigualdades em todos os setores da cultura e da comunicação. A principal conclusão é que as mulheres ganham menos em todos os setores, e em alguns, representam uma parcela muito baixa de ocupação dos cargos. Quando as mulheres aparecem em programas de falas, ou em outras produções, geralmente ocupam cargos subalternos e têm seu tempo de fala reduzido a menos de um terço do que é reproduzido.

O próprio Ministério da Cultura, criado em 1985, em toda sua história teve somente 3 mulheres no comando, incluindo a atual ministra Margareth Menezes. Em suas secretarias e instituições e fundações, como Fundação Cultural Palmares, Fundação Nacional de Artes, Fundação Biblioteca Nacional e Ancine, os homens também são maioria.

Outro estudo que confirma a desigualdade de gênero no campo da economia criativa é do Observatório Itaú Cultural, mostrando que em 2023 a maioria dos trabalhadores no setor da economia criativa são homens brancos e o salário dos mesmos é cerca de 70% maior do que de mulheres pretas.

Apesar dos números e da realidade serem alarmantes, temos notícia de muitas iniciativas que surgem para promover uma maior participação das mulheres no setor da economia criativa, tais como o projeto aqui apresentado.

5. QUAL O CAMINHO PARA A RECONSTRUÇÃO DE NÓS MESMAS?

Como vimos anteriormente, essa mudança de uma cultura pacífica e harmônica para outra opressora e violenta baseada na dominação, aconteceu através da destruição do controle do potencial sexual e da função reprodutiva da mulher num movimento chamado de caça às bruxas, que preparou o terreno para a instauração de um regime patriarcal. Podemos concluir então que não há como dissociar o capitalismo do patriarcado, e que juntos, tornam todos os processos de progressos sociais inviáveis num sentido de busca por equidade, equilíbrio e harmonia.

O resgate ancestral me parece o caminho mais promissor para nos reconhecermos capazes de reconstruir a nós mesmas e amenizar os impactos da violência patriarcal e colonial a que estamos submetidas.

As civilizações pré-históricas se caracterizavam por um ponto em comum - a adoração à Deusa Mãe, ou seja, eram sociedades matrísticas que honravam e respeitavam a mulher, seus ciclos, suas práticas e suas inúmeras facetas. O patriarcado intitulou deuses fálicos, punitivos, autoritários, baseados na dominação, subvertendo os valores da cultura matrística, que se caracteriza por relações baseadas na cooperação, consenso, pela relativização do conceito de verdade, pelo pensamento predominantemente sistêmico que compreende a vida como um sistema diverso e complexo onde não há subordinação nem oposição entre os sexos, nem dominação para procriação. Já o modelo patriarcal se caracteriza por um pensamento linear, autoritário, controlador, de domínio, exploração, extrativista, que incita a guerra e a competição.

Barbara Black, no “Livro de Lilith - o resgate do lado sombrio do feminino universal”, discorre sobre as qualidades rejeitadas da Deusa, incorporadas no arquétipo de Lilith, que segundo ela, representa qualidades que são vitais para nosso desenvolvimento espiritual e psicológico. A ritualística, a consciência e a conexão dos ciclos lunares que nos remetem a morte, vida e renascimento, interiorizando em nós a donzela, a mulher e a anciã, resgatam nossa capacidade de assumir todas as facetas da Deusa que carregamos em nós, a reconexão com

nosso corpo, instinto e sexualidade, é o que nos aproxima do que nos roubaram: nosso potencial criativo e reprodutivo, ou seja, nossa energia vital.

Diante desse cenário, resgatar as ritualísticas próprias das culturas matrísticas como estar entre mulheres ao redor de uma fogueira, difundir o conhecimento e a sabedoria contida nas plantas e seus usos medicinais, contemplar a lua e se orientar a partir de suas fases, se apropriando e conhecendo o próprio corpo e as influências que os movimentos lunares exercem sobre ele, compartilhar processos, denunciar violências, assumir cargos de liderança, ousar exercer a desobediência civil e se tornar insubmissa, são caminhos possíveis para resgatar nossa potência.

Mas é fato que, sem referências, é bastante improvável que as mulheres usem da própria “força de vontade” para sair de situações abusivas e violentas e criar sozinhas uma nova realidade que dignifique sua existência. Se por onde passamos e tudo que assistimos, ouvimos e vivenciamos é predominantemente executado por figuras masculinas, como podem as mulheres acreditar que existe um lugar diferente do que atualmente ocupam para elas? Por isso é tão importante possibilitar acesso às figuras de mulheres que alcançaram papéis de destaque e ocupam lugares de poder para incentivar e mostrar a tantas outras, que é possível.

A proposta do Festival é justamente o da representatividade através da experiência e do encontro de mulheres e suas múltiplas potências, e do resgate das práticas referentes ao período da história em que nós exercíamos papéis de liderança compartilhados através dos ritos e dos saberes que nos potencializam, e que por isso até hoje são “demonizados”, marginalizados, criminalizados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da minha trajetória profissional, nunca me preocupei com a estruturação prévia e planejamento dos projetos que executei. Talvez por resistência, teimosia, rebeldia, insubordinação. Mas o fato é que aprendi muito no processo de idealização e construção desse projeto, podendo explorar as infinitas possibilidades que fazem sentido na minha jornada. A estrutura está firmada. Uma gestação solitária. Bem como tem sido para muitas mulheres a própria experiência da vida. Mas um parto coletivo, na esperança do resgate acontecer enquanto exercemos os ritos de partilha e construção dos sonhos que temos em comum, saudando e honrando os saberes ancestrais que herdamos. Se coletiva é nossa luta, coletiva será a produção e a execução desse projeto, que só faz sentido ser o que é, assim.

O Festival Curanderia é a flecha lançada na direção da mudança que desejo ver no mundo. E que ela possa chegar nos cantos mais sombrios e violentos como uma luz que guia de dentro pra fora o legado da mulher selvagem, da lilith que habita em cada uma de nós, para que a libertação seja acompanhada de todo prazer que merecemos experimentar.

Todo o projeto foi escrito pensando não somente em atender as especificidades institucionais da Universidade, mas também para que se adapte de maneira facilitada aos processos de inscrição e submissão de propostas em editais de incentivo e promoção de ações culturais, visto que, tenho a pretensão de realizar o mesmo me utilizando das ferramentas disponíveis para redistribuição de recursos e reparações históricas. Que possamos de uma vez por todas compreender que o feminismo e a luta das mulheres é de todas e todos nós, e que juntas e juntos podemos mudar os rumos de uma sociedade que violenta nossos corpos e nossa existência diariamente.

Gostaria de concluir dizendo que, desde que ingressei na Universidade e mergulhei no universo acadêmico, pude enxergar o meu sacro ofício de um lugar imenso, o que me causou um turbilhão de emoções, dada minha extrema sensibilidade para temas que nos são caros dentro desse campo de atuação. Sendo assim, esse projeto simboliza um marco em minha jornada e a finalização de um

ciclo extremamente importante. Um rito de passagem. Uma morte seguida de um renascimento promissor.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A.C.F.; ALVES, A.K.S. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, Fortaleza. Disponível em <https://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf>. Acesso em 14 nov. 2023.

BERTH, Joice. . O que é empoderamento? . Belo Horizonte: Letramento, 2018

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. 114 p. : il. Disponível em <https://assets-compromissoeatitude-ipg.sfo2.digitaloceanspaces.com/2012/08/SPM_PNPM_2013.pdf> acessado em 07 de nov. 2023.

BRASÍLIA, DF. Violência contra as mulheres no meio rural - Diagnósticos, Desafios e Propostas. 2012. Disponível em <<https://mulherespaz.org.br/violencia-contra-as-mulheres-no-meio-rural-diagnosticos-desafios-e-propostas-brasilia-df/>> Acesso em 17 nov. 2023.

CARDOSO, Morena Santos. O tempo da corpa é o tempo da terra: DanzaMedicina e a (po)ética do gesto que gesta. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

CARVALHO, Andressa Veras de. Violência contra a mulher no meio rural brasileiro: uma revisão integrativa. Aletheia, Canoas , v. 52, n. 2, p. 166-177, dez. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942019000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 dez. 2023.

ENCONTRO DE SABERES DA CAATINGA, 6, 2022. Exú/Pernambuco.

ENCONTRO DE SABERES DA CAATINGA, 7, 2023. Crato/Ceará..

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

KOLTUV, Barbara Black. O Livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal. Tradução Rubens Rusche - 2.ed.- São Paulo: Cultrix, 2017.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, Carolina. Mulheres, cultura e disparidade de gênero. ODC, 2023. Disponível em <<https://observatoriodadiversidade.org.br/noticias/8m2023/>>. Acesso em 22 out. 2023.

LUSA, Mailiz Garibotti. Movimentos sociais e mulheres: identidades e lutas. VIII Jornada Nacional de Políticas Públicas, UFMA, Maranhão, 2017.

MENDONÇA, Rita. Conservar e Criar: natureza, cultura e complexidade/São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2005.

OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL. 2023. Disponível em <<https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/pesquisa/empregados-dos-setores-criativos>>. Acesso em 10 nov. 2023.

PELLERIN, Fleur . UNESCO, Igualdade de gênero, patrimônio e criatividade. 2016. p.98-102. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381021/PDF/381021por.pdf.multi>>. Acesso em 07 nov. 2023.

PONTE, Beth. Equidade de gênero no setor cultural. 2021. Disponível em <<https://pontebeth.medium.com/equidade-de-genero-no-setor-cultural-ae1e9c2f6003>> Acesso em 20 nov. 2023.

SOARES, Vera. Movimentos feministas: Paradigmas e desafios. Estudos Feministas. N. E./94. Disponível em <<http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v02sespecial/v02sespeciala02.pdf>>. Acesso em 05 nov. 2023.

WITTIG, Monique, Les Guerilleres, Nova York, Bard Books, 1969, p.89.

8. O PROJETO

APRESENTAÇÃO

O presente projeto trata da realização do FESTIVAL CURANDERIA - Feminismo multicultural aliado ao resgate ancestral. Projeto que tem como princípio destacar e valorizar o protagonismo feminino no setor cultural como ferramenta de conscientização social acerca das desigualdades e violências de gênero. Sendo assim, resgatar, preservar, valorizar e fomentar os saberes, a memória e o patrimônio, através do encontro e da perspectiva de mulheres, que reúne ancestralidade e contemporaneidade, cultura popular, múltiplas expressões artísticas, práticas de cura, saúde e bem estar, sustentabilidade, gastronomia, turismo, discussões sobre o território, economia criativa e práticas inovadoras, composto por rodas de conversa, oficinas e atividades culturais que dialogam e agregam movimentos sociais, entidades públicas e privadas, coletivos e redes.

JUSTIFICATIVA

O projeto nasce da necessidade de criar espaços de diálogo e da sensibilização social para a importância da construção, difusão e da troca de saberes entre as mulheres como uma rede de apoio e fortalecimento contra discriminações e violações de seus direitos. Ainda que o campo das artes e da cultura seja atravessado por intensos e constantes questionamentos a respeito da estrutura social, é contaminado pelas violências e segue reproduzindo desigualdades de gênero.

Ao fazermos uma breve análise histórica da presença das mulheres nas lutas políticas e sociais, compreendemos sua importante relevância nas transformações ocorridas, desde o direito ao voto até os movimentos de contracultura e contestação das leis vigentes que perpetuam a desigualdade e as violências de gênero. Nesse sentido, um Festival organizado coletivamente e protagonizado por mulheres, estimula a sororidade e cria uma representatividade necessária para que outras se vejam capacitadas a também ocupar espaços predominantemente machistas, devido ao seu caráter pedagógico e político. Nós ainda vivemos uma realidade onde

a desigualdade salarial entre homens e mulheres no setor cultural é gritante, e ainda maior do que em outros campos. Sendo assim, “a cultura somente ajudará a construir um futuro melhor quando se tornar um campo de trabalho mais justo e igualitário para todas as mulheres”, afirma Beth Ponte.

Dessa forma, há uma grande necessidade de romper com o pensamento linear e cartesiano que sustenta iniciativas que visam a mudança social mas que em seu fazer, acabam reproduzindo práticas patriarcais que estão enraizadas em nossas relações íntimas e institucionalizadas nos ambientes de trabalho. Sendo assim, o Festival tem o potencial de incubadora, onde através do encontro de diversas potências, se criam discussões que possibilitam novos projetos, ideias, coletivos, propostas, conscientes das ações que viabilizam mudanças efetivas ajudando a construir um futuro melhor.

Desse modo, o Festival, além de ser esse espaço de diálogo, de promoção da igualdade de gênero e da diversidade, atua enquanto agente de promoção cultural, e têm o potencial de gerar impacto positivo, pois contribui para que o ecossistema da economia criativa ao seu redor se desenvolva com esse olhar atento e decolonial.

O projeto está comprometido com as diretrizes do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (SPM, 2013) no que se refere aos eixos abaixo:

- Capítulo 1: Igualdade no mundo do trabalho e autonomia econômica
- Capítulo 2: Educação inclusiva, não-sexista, não-racista, não-homofóbica e nãolesbofóbica;
- Capítulo 3: Saúde das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos
- Capítulo 4: Enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres
- Capítulo 5: Participação das mulheres nos espaços de poder e decisão
- Capítulo 6: Desenvolvimento sustentável com igualdade econômica e social
- Capítulo 7: Direito à terra, moradia digna e infra-estrutura social nos meios rural e urbano, considerando as comunidades tradicionais
- Capítulo 8: Cultura, Comunicação e Mídia igualitárias, democráticas e não discriminatórias

- Capítulo 9: Enfrentamento do racismo, sexismo e lesbofobia
- Capítulo 10: Enfrentamento das desigualdades geracionais que atingem as mulheres, com especial atenção às jovens

ESCOLHA DO LOCAL:

Figura 1 - Forróça



Fonte: Pétala Rodrigues

O Centro Cultural Rural da Vargem Grande, situado na zona rural de São José dos Campos, SP, compreende um complexo de moradias e ateliês de arte onde o movimento cultural é recorrente desde sua fundação. O motivo da escolha do local se dá pela capacidade técnica dos agentes culturais envolvidos com o espaço em acolher e realizar tal feito. Visto que o resgate ancestral e a sustentabilidade são pilares essenciais do Festival, é interessante que ele aconteça num ambiente onde se propõe a construção de uma comunidade em comunhão e respeito com a natureza. Além disso, sendo a zona rural um dos lugares onde existe

maior incidência de violência contra a mulher, é de extrema importância e relevância que o Festival Curanderia aconteça nesse ambiente, atuando enquanto agente político de denúncia e consequente mudança social.

OBJETIVO

Realizar o Festival Curanderia entre os dias 20 e 26 de Setembro de 2024, em meio à natureza, protagonizado por mulheres e trabalhar pelo fortalecimento da imagem das mesmas como detentoras de saberes indispensáveis às agendas voltadas à construção de uma sociedade livre de desigualdades.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Propagar informação por meio de ações envolvendo rodas de conversa, vivências culturais, oficinas e etc
- Criar uma ponte entre mulheres dos múltiplos campos do saber
- Envolver a comunidade enquanto parte essencial para a realização do projeto
- Resgatar e difundir conhecimentos e saberes ancestrais
- Visitar memórias, valorizar histórias, preservar os fatos, criando assim, um legado criativo, afetivo e inquietante
- Ter um novo olhar para onde se mora, repensar a relação de cuidado com a natureza e criar alternativas para alimentar as relações pessoais, sociais e comerciais locais
- Proporcionar meios que levem as pessoas a desenvolver suas capacidades corporais e culturais
- Estimular a reflexão sobre os resultados de suas ações, para poder modificá-las diante de algumas dificuldades
- Reforçar a auto-estima, a auto-imagem e a autoconfiança das participantes.
- Proporcionar vivências que articulem a criação pessoal e coletiva de movimentos, a apreciação do conhecimento, de modo a integrar a razão e o sensível, o individual e o coletivo, a arte e a educação.

- Estimular a formação de um novo público mais consciente, além de incentivar a interação e troca dessas experiências entre as diversas expressões culturais.
- Conectar e fortalecer a rede de mulheres através do encontro e da troca entre as mesmas
- Fomentar o desenvolvimento artístico de jovens que compartilham a admiração e o interesse comum pela arte
- Melhorar a qualidade de vida da população por meio da realização de atividades culturais, possibilitando o intercâmbio cultural
- Realizar acima de tudo um evento com excelência e qualidade das atividades e apresentações, contribuindo para fomentar os benefícios da integração da atividade cultural, econômica e artísticas
- Oportunizar espaço para o debate e a mostra das diversas manifestações

METAS:

- Realizar 7 rodas de conversa contemplando as diversas áreas do conhecimento abordadas no projeto
- Fortalecer redes de mulheres
- Realizar pelo menos 21 oficinas voltadas para o cuidado, saúde e emancipação financeira
- Criar e viabilizar a atualização de conteúdo, ferramentas e layout da página do evento (www.festivalcuranderia.com), que agrega notícias, pesquisas, estudos e informações relacionadas à situação da mulher na sociedade.
- Produzir artigos e gravação de falas das palestrantes que resultarão na publicação do site e plataformas de streaming
- Realizar uma feira de empreendedorismo feminino para divulgar, expor e vender produtos de diversos setores, inclusive, gastronômico
- Realizar pelo menos 14 apresentações artísticas considerando as diversas linguagens (cinema, literatura, música, dança, moda, artes digitais, plásticas e cênicas) com o objetivo de atrair público para a questão de gênero, dar visibilidade para artistas mulheres, proporcionando sua inserção na cadeia

produtiva da cultura e elevar a auto-estima das mulheres, empoderando-as a partir de suas próprias referências e pensamento.

- Exibir pelo menos 7 obras audiovisuais de gêneros distintos, que retratem o tema abordado pelo Festival

PÚBLICO

O projeto destina-se às mulheres como público prioritário, porém tem grande abrangência entre todas as gerações, sem distinção de classe social, cor ou religião. É aberto e destinado a qualquer pessoa que tenha interesse pelos assuntos que serão discutidos e apresentados para que também agreguem força à luta pela igualdade de direitos das mulheres. Esse público é formado por jovens e adultas, estudantes universitárias, secundaristas, classe artística, educadoras, empresárias, profissionais da cultura, jornalistas entre outras formadoras de opinião.

Para uma ação de divulgação e alcance mais efetivos, serão realizadas parcerias com instituições, de diversos âmbitos sociais, ligadas a valorização da mulher, redução de desigualdades e violências de gênero. Essa articulação se dará a partir do mapeamento dessas instituições que irão colaborar para consolidar uma rede de parceiros e potenciais públicos do projeto.

PROGRAMAÇÃO

A base da programação do Festival é pensada e composta por práticas que visam alcançar o bem estar individual, para que a partir de um estado de presença e contemplação, possam se estabelecer relações saudáveis, harmoniosas, que pensam e criam propostas e soluções possíveis para as mudanças que desejamos alcançar. Toda mudança começa internamente, e para isso, é preciso repensar hábitos de consumo e as relações de troca com o meio. Sendo assim, cada dia terá uma temática e práticas condizentes com o tema. Alguns saberes que promovem a saúde integral estarão ancorando a programação como: Cromoterapia, Ayurveda, Yoga, Meditação, Práticas de Xamanismo, Medicinas da Floresta, dentre outras.

A partir dessa premissa, a programação contempla a diversidade cultural através de intervenções e apresentações das múltiplas linguagens artísticas como música, circo, teatro, literatura, sarau, e outros, ativando o campo sensorial também através de uma alimentação saudável, orgânica e vegetariana. Rodas de conversa, oficinas e vivências com convidadas que permeiam os campos do saber com o tema da ancestralidade e do protagonismo feminino e suas nuances.

Durante todos os dias do Festival, será montado um espaço de brincar naturalizado para crianças, uma feira de exposição de produtos artesanais, agroecológicos e gastronômicos, e um espaço para exibição de curtas, filmes, documentários, a respeito da temática tratada pelo projeto. Existe uma estrutura fixa que contará com o seguinte cronograma:

- 06h06: Despertar com prática corporal
- 08h08: 1ª refeição
- 09h09: Abertura dos trabalhos seguida das Rodas de Conversa
- 12h12: 2ª refeição
- 14h14: Oficinas
- 18h18: 3ª refeição
- 19h19: Apresentações culturais
- 21h21: Encerramento das atividades

CURADORIA

Toda a curadoria que irá compor o Festival, busca estimular o diálogo entre as artistas locais e as convidadas de outros territórios e se faz no intuito de fomentar discussões acerca das desigualdades e violências em seus campos de atuação, bem como resgatar saberes e valores ancestrais, agregando valor ao produto final, colocando para o público um conceito de evento que estreita as relações entre a arte, a espiritualidade, o cotidiano, o ancestral e o contemporâneo, e ainda garante a sustentabilidade socioambiental, gerando consciência e mostrando caminhos possíveis para uma vida mais saudável. Buscando oportunizar e diversificar a

programação, nos utilizaremos de chamada pública para cadastro de profissionais que se interessem em compor a egrégora do Festival em suas múltiplas funções.

ACESSIBILIDADE

A proponente irá adotar as medidas dispostas no art. 27, inciso II, do Decreto 5.761, de 27 de abril de 2006 do Programa Nacional de Apoio à Cultura - PRONAC. Serão elas: rampas de acesso, monitores responsáveis por orientar portadores de necessidades físicas e idosos, vagas reservadas, intérpretes de libras, entre outras. O Projeto visa estar alinhado com a ISO 20121, seus sistemas de gestão para sustentabilidade de eventos e os requisitos e orientações de uso.

CRONOGRAMA

1. Pré-produção - 90 dias

- Captação de recursos para a realização do projeto;
- Contratação da Equipe de Trabalho;
- Liberação das documentações e alvarás necessários;
- Atualização do planejamento de produção e cronograma;
- Contato e firmamento de parcerias;
- Contato com fornecedores;
- Concepção e início da execução do plano estratégico de comunicação;
- Contratação de profissionais responsáveis pela identidade do projeto;
- Criação de layout para material de divulgação;
- Criação do site e dos perfis em redes sociais;
- Preparação das fichas de inscrição (oficinas, apresentações culturais, feira de exposição);
- Período de inscrição;
- Contato e divulgação dos inscritos;
- Curadoria e contratação de artistas, palestrantes, oficinas, mediadoras, etc;

- Desenvolvimento de atividades de Assessoria de Imprensa (preparação de release, contato com veículos de comunicação, criação de press-kit, etc);
- Disparo de Mailing;
- Impressão de material gráfico de divulgação;
- Prospecção nas redes sociais e nos meios de comunicação;
- Contato com a prefeitura da cidade de São José dos Campos para viabilizar a circulação de ônibus para transportar as pessoas do centro da cidade até o local do evento
- Início das obras de acessibilidade no local

2. Produção (90 dias)

- Execução do plano de divulgação;
- Produção de peças gráficas;
- Emissão de passagens aéreas para participantes;
- Produção da planilha logística definitiva do festival;
- Distribuição/Veiculação de material gráfico de divulgação;
- Abertura das vendas de ingressos;
- Impulsionamentos das mídias sociais do projeto;
- Assessoria de imprensa;
- Divulgação das participantes selecionadas pela curadoria;
- Obras de acessibilidade no local;
- Instalação de peças de sinalização do evento;
- Montagem das estruturas do evento;
- Instalação da decoração;
- Execução do evento;
- Cobertura audiovisual da execução do projeto;
- Desmontagem das estruturas locadas;
- Desocupação do espaço;

4. Pós-produção (60 dias)

- Levantamento de materiais audiovisuais produzidos;
- Levantamento de cobertura da imprensa e repercussão midiática;
- Pagamento das parcelas finais da equipe e prestadores de serviço;
- Desmontagem;
- Produção de relatório;
- Reunião geral de pós produção;
- Organização da publicação;
- Revisão da publicação;
- Layout da publicação;
- Entrega do relatório final e Prestação de Contas;
- Clipping do projeto;

9. PLANO DE COMUNICAÇÃO E MÍDIA

A ideia básica do plano de comunicação do Festival é de trabalho intenso nas mídias sociais, aliado à confecção de farto material gráfico e busca de apoios de jornais, gerando mídia espontânea, e veiculação de vinhetas nas TV 's. Será realizado um contato direto com instituições, já mapeadas, ligadas a valorização e difusão da igualdade de gênero e dos direitos das mulheres, com o objetivo de mobilizar seus membros para atuarem como agentes colaboradores diretos na divulgação do evento, pois, o contato pessoal é também uma forma bastante eficiente de divulgação do mesmo.

- Site - Será criado o domínio www.festivalcuranderia.com.br, com o objetivo de apresentar, divulgar a programação, publicar conteúdos sobre o evento, promover empresas e associações apoiadoras, gerar integração com outras redes.
- Instagram e Tiktok - Será criado um perfil do Festival com a proposta de cooptar público diverso, divulgar a programação, publicar links, vídeos e notas sobre o projeto, e principalmente, criar relação com o público. As postagens buscarão conduzir as pessoas para visitar o site do Festival.

- Youtube - Será criado um canal no youtube com o intuito de publicar entrevistas e os registros audiovisuais das apresentações na íntegra, com maior duração, num formato diferente das outras plataformas.

Assessoria de imprensa - Com o objetivo de estimular os jornalistas a publicarem notícias sobre o festival, serão realizadas as seguintes ações de assessoria de imprensa:

- Visita às redações de São José dos Campos para entrega de press kit e apresentação do evento.
- Redação e envio de releases/sugestões de nota com informações do evento.

Produção de Peças Gráficas:

- 1 Vinheta com 30” segundos de duração, que será exibida na abertura de cada dia do Festival
- Spots criados para ser veiculado nas rádios durante um mês;
- 200 cartazes – distribuição em cinemas, teatros, centros culturais, universidades, escolas, instituições comunitárias e bibliotecas.
- 5.000 programações do evento – distribuição em cinemas, teatros, centros culturais, universidades, escolas, instituições comunitárias, bibliotecas.
- 5 Banners - distribuídos no espaço do evento.
- 7 Outdoors – Localizados em pontos estratégicos da cidade, durante duas semanas.
- 10 Busdoor - Na traseira de ônibus com os itinerários da zona norte, durante o período de oito semanas.
- 1.000 ecobags distribuídas entre as convidadas do evento, imprensa e demais públicos de interesse da organização do evento, apoiadores e patrocinador;
- 1.000 camisas distribuídas entre as convidadas do evento, imprensa e demais públicos de interesse da organização do evento, apoiadores e patrocinador;
- 5.000 adesivos distribuídos entre as convidadas do evento, imprensa e demais públicos de interesse da organização do evento, apoiadores e patrocinador;

Plano de uso das Redes - Haverá uma profissional exclusivamente responsável em gerenciar o Festival Curanderia nas mídias sociais que desempenhará as seguintes funções:

- Acompanhamento de notícias sobre as atrações, assim como pesquisas de curiosidades e informações adicionais para postagem nas mídias sociais.
- Produção de entrevistas com as convidadas (escritas ou em vídeo) para divulgação nas mídias sociais e site.
- Acompanhamento do que é postado sobre o evento e seus destaques nas mídias sociais, buscando interação com os autores das postagens sempre que pertinente.
- Postagem das matérias principais veiculadas na imprensa.
- Atualização do site - Postagens das notícias referentes ao evento.
- Postagem de matéria diária de cobertura do evento.
- Criação e envio de email marketing com flyer virtual e release do Festival

Confecção do EcoKit Curanderia para comercialização

- camiseta
- adesivo
- bloco de notas papel reciclado
- caneta
- bag ecológica
- etiqueta de sementes
- talher
- cumbuca
- caneca
- produtos de higiene pessoal (sabonete, shampoo, condicionador, desodorante, escova e creme dental)

10. TABELA DE CONTRAPARTIDA PARA OS COLABORADORES

As contrapartidas aqui descritas são gerais para todos os possíveis patrocinadores, visto que é natural que a logomarca dos mesmos esteja presente em toda a identidade visual e na comunicação do projeto. Porém, para a captação de recursos, construirei apresentações personalizadas para cada patrocinador, de acordo com as especificidades da marca, da empresa, e de seus funcionários. Sendo assim, ficam estabelecidas as seguintes contrapartidas:

- Cartaz Marca do colaborador em 200 cartazes (A3, 4x0 cor) distribuídos em centros culturais, bares, restaurantes, escolas, e universidades de São José dos Campos.
- Programação Marca do patrocinador em 5.000 programações, distribuídas em centros culturais, bares, restaurantes, escolas, e universidades de São José dos Campos.
- Site Banner virtual do colaborador no site do projeto. O site estará no ar durante a pré-produção. VT Marca do colaborador ao final do VT de 30” a ser veiculado e na abertura de cada dia do Festival.
- Citação verbal do colaborador pela apresentadora do evento no início e no final de cada dia do evento.
- Email Marketing – Marca do colaborador no flyer virtual e citação no release do evento.
- Cota de Convite para serem distribuídos para clientes e funcionários da empresa. Vale frisar a importância do relatório final, com a mensuração de resultados, na etapa de pós-produção do evento, ressaltando a importância da ação para a estratégia de comunicação do patrocinador e sugerindo a continuidade da parceria, nos anos seguintes, para alcançar resultados ainda maiores.

11. ESTRATÉGIA DE CAPTAÇÃO E COTAS DE PATROCÍNIO

Como estratégia de captação de recursos para viabilizar a execução do Festival, escolhi buscar por patrocínio privado, tendo o Estado como intermediário, através da Lei Rouanet, que é conhecida principalmente por sua política de incentivos fiscais. Possíveis patrocinadores serão empresas estatais, do setor de telefonia, bancos, moda, sustentabilidade, gastronomia, construtoras e empresas do setor cultural. A marca da patrocinadora estará presente em todas as peças produzidas, sendo vinculada a um projeto de cunho feminista aliado ao resgate ancestral e conexão com a natureza. Serão realizadas promoções de acesso gratuito para estudantes de escolas públicas, menção do patrocinador em toda oportunidade de divulgação do projeto, seja mídia paga ou espontânea, incluindo o material entregue a todos os meios de comunicação.

12. DISTRIBUIÇÃO / COMERCIALIZAÇÃO DO PRODUTO CULTURAL

Aqui, é preciso um alinhamento coletivo para compreender a quantidade de pessoas que o espaço pode comportar durante o evento, para que possamos preencher os seguintes tópicos:

- Total de Ingressos:
- Valor Unitário:
- Passaporte para todos os dias do evento:
- Quantidade de distribuição gratuita:
- Quantidade disponível para venda:
- Normal:
- Meia-entrada:

13. PLANILHA ORÇAMENTÁRIA

PRÉ-PRODUÇÃO

ITEM	QUANT.	UNID.	OCORRÊNCIA	VALOR UNITÁRIO	TOTAL
Coordenação Geral	1	mês	3	R\$4.000,00	R\$12.000,00
Coordenadora de Produção	1	mês	3	R\$3.000,00	R\$9.000,00
Produtora Executiva	1	mês	3	R\$3.000,00	R\$9.000,00
Curadoria	1	cachê	1	R\$5.000,00	R\$5.000,00
Assistente de Produção	1	mês	3	R\$2.000,00	R\$6.000,00
Design Gráfico	1	mês	3	R\$3.000,00	R\$9.000,00
Taxas/Liberação de Alvará etc	1	verba	1	R\$9.000,00	R\$9.000,00
Obras de acessibilidade	1	verba	1	R\$10.000,00	R\$10.000,00
				TOTAL Pré.	R\$69.000,00

PRODUÇÃO

ITEM	QUANT.	UNID.	OCORRÊNCIA	VALOR UNITÁRIO	TOTAL
Coordenação Geral	1	mês	3	R\$4.000,00	R\$12.000,00
Coordenadora de	1	mês	3	R\$3.000,00	R\$9.000,00

Produção					
Produtora Executiva	1	mês	3	R\$3.000,00	R\$9.000,00
Assistente de Produção	1	mês	3	R\$2.000,00	R\$2.000,00
Produtora Técnica	1	mês	3	R\$3.000,00	R\$9.000,00
Diretora de Palco	1	serviço	7	R\$2.000,00	R\$14.000,00
Apresentações Musicais	14	verba destinada a distribuição de cachês de acordo com as demandas de produção das artistas	1	R\$20.000,00	R\$280.000,00
Apresentações artísticas diversas	21	cachê	1	R\$1.500,00	R\$31.500,00
Mediadora das Rodas de Conversa	1	cachê	7	R\$800,00	R\$5.600,00
Instrutora de Oficinas	21	serviço	1	R\$1.500,00	R\$31.500,00
Locação do espaço de realização do evento	1	unidade	1	R\$30.000,00	R\$30.000,00
Roadies de Palco	2	diária	7	R\$200,00	R\$2.800,00

Orientadora de Portaria	4	diária	7	R\$200,00	R\$5.600,00
Equipe de Apoio	7	diária	7	R\$170,00	R\$8.330,00
Equipe de Limpeza	7	diária	7	R\$200,00	R\$9.800,00
Técnica de iluminação	2	diária	7	R\$350,00	R\$4.900,00
Técnica de Som	2	diária	7	R\$350,00	R\$4.900,00
Equipe de montagem e desmontagem	7	serviço	2	R\$120,00	R\$1.680,00
Locação de Extintores	7	unidade	7	R\$100,00	R\$4.900,00
Eletricista	1	serviço	1	R\$2.500,00	R\$2.500,00
Registro Audiovisual	3	diária	7	R\$400,00	R\$8.400,00
Registro Fotográfico	3	diária	7	R\$400,00	R\$8.400,00
Tela e projetor	2	verba	1	R\$3.500	R\$7.000,00
Lycra para ambientação	1	verba	1	R\$3.000,00	R\$3.000,00
Cenografia	3	serviço	1	R\$2.000,00	R\$6.000,00
Equipamento de Iluminação	1	locação	7	R\$2.500,00	R\$17.500,00
Equipamento de som	1	locação	7	R\$7.000,00	R\$49.000,00
Tenda	3	locação	7	R\$500,00	R\$10.500,00
Equipe de Alimentação	8	diária	7	R\$300,00	R\$16.800
Bebedouro de água	2	verba	1	R\$3.500,00	R\$7.000,00
Sinalização	1	serviço	1	R\$2.500,00	R\$2.500,00
Intérprete de Libras	6	diária	7	R\$160,00	R\$6.720,00

Fretes	1	verba	2	R\$800,00	R\$1.600,00
				TOTAL Prod:	R\$573.530,00

COMUNICAÇÃO

ITEM	QUANT.	UNID.	OCORRÊNCIA	VALOR UNITÁRIO	TOTAL
Coordenadora de comunicação	1	mês	3	R\$4.000,00	R\$12.000,00
Social Media	1	mês	3	R\$2.500,00	R\$7.500,00
Assessoria de Imprensa	1	serviço	1	R\$4.000,00	R\$4.000,00
Banners Móveis (busdoor)	10	serviço	1	R\$3.000,00	R\$3.000,00
Vídeos para divulgação	1	serviço	1	R\$3.000,00	R\$3.000,00
Veiculação de rádio	1	verba	1	R\$5.000,00	R\$5.000,00
Impulsionamento em redes sociais	1	verba	1	R\$2.500,00	R\$2.500,00
Manutenção do Site	1	verba	1	R\$3.000,00	R\$3.000,00
				TOTAL Com.	R\$40.000,00

CUSTOS ADMINISTRATIVOS

ITEM	QUANT.	UNID.	OCORRÊN CIA	VALOR UNITÁRIO	TOTAL
Gestão de elaboração e agenciamento	1	verba	1	R\$10.000,00	R\$10.000,00
Coord. Adm. Financeira	1	serviço	1	R\$3.500,00	R\$3.500,00
Contadora	1	verba	1	R\$1.500,00	R\$1.500,00
Taxas Bancárias	1	verba	1	R\$500,00	R\$500,00
Material de Escritório	1	verba	1	R\$1.000,00	R\$1.000,00
				TOTAL C.A.	R\$16.500,00

TOTAL DO PROJETO**R\$699.030,00**